



João de Barros (c. 1497-1570)

Gravura de Teodoro A. de Lima.

Ligado à corte portuguesa, João de Barros foi Feitor da Casa da Índia por 35 anos. Nessa posição, pôde consultar documentos e colher relatos de marinheiros e comerciantes do Oriente. Foi o primeiro historiador português a documentar-se de forma sistemática. Nas *Décadas*, obra oficial, encomendada por D. João III, seguiu o modelo de Tito Lívio. Só publicou três *Décadas da Ásia* (1552, 1553 e 1563), obra que influenciou Luís de Camões ao escrever *Os Lusíadas*. O continuador da obra foi Diogo do Couto (1542-1616).

À margem das *décadas*

SYLVIO B. PEREIRA

Dos clássicos portugueses que floresceram no século XVI, João de Barros é, por todos os respeitos, um dos mais abalizados, o único, porventura, que, pela gravidade da narração, pureza de estilo e opulência de linguagem, pode ser lido, ainda mesmo por aqueles que se não dedicam ao estudo da língua através dos seus monumentos literários, sem que, em pouco, o livro, por falta de sabor, lhes caia nas mãos. De feito, ele nas *Décadas* — a mais primorosa obra do insigne cronista das glórias portuguesas na Ásia — muito que aprender, e louvar, porque ao copioso do vocabulário se ajunta a admirável propriedade das palavras; as pompas de estilo, correntio, desafetado, insinuante, o alevantado quilate das vozes; a sintaxe que, de fora parto certos archaismos de construção, e muito de imitar, o polimento e a técnica, perfeita do todo.

A João de Barros não tem faltado panegiristas, que ele os houve grandes em cópia e qualidades. Mencionaremos de caminho e para o leitor desajeitado ao trabalho de tais coisas, apenas o nome e parecer de alguns. Frei Antônio de São Romão, diz Agostinho de Campos na

Artigo Publicado
no *Jornal do Brasil*,
30 de janeiro de
1925.

sua *Antologia Portuguesa*, chama-lhe, com assaz de justiça, o Tito Lívio Português. Dom Fernando Alvia de Castro o compara, com não menos acerto, ao famoso autor da *Iliada*. Francisco José Freire (mais conhecido talvez por Cândido Lusitano) discorrendo, nas *Reflexões*, acerca dos clássicos de sua terra, dá-lhe, entre outros gabos, o título de Mestre da Linguagem Portuguesa. Para Antônio Pereira de Figueiredo, João de Barros é aquele, em que mais reluz a eloquência da Língua Portuguesa considerada no seu fundo e que assim merece Barros ser o Escritor, de cuja lição mais se aproveitem todos os que aspiram a falar bem a mesma língua. Nicolau Antônio chamou ao estilo de tão claro historiador *luculenta oratorio*, *Levianae aemulae*, etc. Cícero, se fora seu contemporâneo, ou pósteros chamar por certo *illustris oratio*.

Muito longe iríamos no enumerar dos louvores a tão conspícuo escrito, a quem cabe a honra de haver disciplinado e polido a linguagem, enfadonha e desataviada, dos Cancioneiros e das crônicas, que eram então os melhores monumentos literários. Outro, porém, é o nosso intento. Da leitura, paciente e atenta, de tão pomposa obra, vimos tal curiosos exemplos do falar antigo – muitos dos quase, por obra de um feliz e sensato ressurgimento, começam a aparecer nas obras de alguns bons escritores daqui e de Portugal – que pensamos não haja malbarato de tempo no transcrever de parte deles. Poucos são certamente os que, nestes tempos, se entregam a leitura e análise dos nossos clássicos. É verdade, e verdade de todos conhecida, que os Luíses de Sousa e os Vieiras, com seres de muita castiça e elegante elocução, fazem ao abandono, na poeira das bibliotecas, onde, só de raro em raro, um ou outro estudioso, andando, no novo garimpeiro, á carta do ouro do genuíno e são dizer português, os arranca para o sempre proveitoso manuseio.

Tamanha desafeição aos velhos e colendíssimos mestres é tanto mais de estranhar quanto é grande o número dos que por ali andam a jactar-se de sabedores de português.

Este trabalhinho – fruto das nossas vigílias após os labores cotidianos – é mais que modesto e não sonha por si as honras de artigo. Não é nenhuma novidade o que vamos dizer, com permissão dos doutos, cuja benignidade pedi-

mos, e cujas observações acolheremos com sumo prazer. Pensamos, todavia, que há muitas causas antigas, que, pela excelência do seu paladar, devem de quando em quando, ser memoradas, por que não as desfaça e inutilize o esquecimento.

Muitas palavras, entre as de que vamos apontar algumas acepções pouco conhecidas para quem não se dão o convívio dos livros, são muito encontradas em qualquer dos vinte e quatro volumes (edição de 1778) de que se compõem as *Décadas*, incluídas neste número as que foram prosseguidas por Diogo do Couto.

O substantivo *golpe*, fora o sentido por que é hoje geralmente conhecido, tinha também, e tem ainda, o do partitivo grupo, porção, certo número de homens, segundo se contém nos nossos bons Dicionários, e nos revelam os seguintes exemplos:

“Peró isto aproveitava já bem pouco, porque ante de sua vinda eram passados alguns Mouros de cavalo com um *golpe* de gente de pé...”

(*Déc.* II, L. VI. Cap. VIII, p. 119)

“No qual tempo veio dar com Jorge Botelho, que andava esgarrado dos outros Capitães, um *golpe* de gente de refresco...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 327)

“Andando este conflito às escuras da fumaça da artilheria um pequeno espaço, em quanto os nossos se detinham no subir da estância; tanto que um *golpe* deles se fizeram senhores dela, assim descoseram na carne dos inimigos, que os meteram a ambos em fugida...”

(*Déc.* III, L. II, Cap. II, pp. 124-125)

De Frei Luís de Sousa temos dois exemplos idênticos, que colhemos, á ventura, nos Annays de El Rei D. João III:

“Ordenou primeiro que tudo meter dentro na fortaleza um bom *golpe* de gente para dous efeitos:

(Obr. cit. L. III, Cap. XIII, p. 167)

“Em 23 de março deste ano... apareceu antemanhã Laxamena sobre o sítio de Upa, que junto á povoação dos mouros, e lançou em terra um golpe de gente.”

(Ibid., L. III. Cap. XIV, p. 172)

Na *História de Portugal* do “severíssimo” Alexandre Herculano encontramos:

“Doze *golpes* de gente, de dez soldados cada um, subiriam assim sucessivamente ao muro...”

(Ob. cit. Vol. I, L. II, p. 364)

A palavra *té* (que se não deve confundir com a preposição *té* com aférese do *a*, muito usada assim na poesia como na prosa) com o sentido adverbial de cerca, pouco mais ou menos, aproximadamente:

“Em guarda da qual tranqueira deixou Affonso Pessoa com *té* setenta homens...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 322)

“...e depois de enxotar o grande número de gente que consigo tinha que poderia, ser *té* seis mil almas...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 325)

O substantivo *camello* servia para designar uma peça de artilharia.

“... mandou pôr uma barçaça com um *camello*, e outras seis peças pequenas de metal...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 322)

“Pote Quetir porque quando a sua gente vinha cometer a tranqueira recebia mais dano do *camello*... que dos espingardeiros de Affonso Pessoa...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 322)

“... somente ficou um bombardeiro que tirava com o *camello* que levaram para se servir dele neste mister...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, p. 323)

“E quando foram dar com o *camello*... acharam o cepo dele todo cheio de sangue, e segundo se soube, era por cortarem ali a cabeça ao nosso bombardeiro.”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. I, pp. 328-329)

No primeiro destes quatro exemplos, o substantivo *camello* está escrito com dois *ll* enquanto nos demais figura com um só, grafia esta que parece ser a adotada pelo autor. Tal dualidade ortográfica supomos deva ser levada à conta de mero descuido de impressão.

Da conjunção *senão* com o sentido preposicional de *exceto* topamos o seguinte exemplo:

“... andava o mar tão alevantado, que soçobrou o esquife, e todos se salvaram, *senão* ele...”

(*Déc.* II, L. VIII, Cap. VI, p. 313)

Do substantivo *cor* com a acepção de *vontade, desejo*, havemos à mão também um exemplo:

“E porque já com esta *cor* de nos lançar de Malaca...”

(*Déc.* II, L. IX, Cap. IV, p. 354)

Muito e muito temos ainda que dizer, porque a matéria é substanciosa, e a fonte que ela fornece inesgotável. Hoje, porém, contentemo-nos com o que já dissemos.

PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n. 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basílio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	Rachel de Queiroz
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Sergio Corrêa da Costa
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Antonio Olinto
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Celso Furtado
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Miguel Reale
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Sílvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Marcos Almir Madeira
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Zélia Gattai
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Oscar Dias Corrêa
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Josué Montello
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldo Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Roberto Marinho
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.



